

A equipe econômica brasileira que acaba de passar pelos Estados Unidos empenhada nesta nova fase da renegociação da dívida brasileira acaba de mostrar, uma vez mais, que os tempos mudaram.

O que se observa agora é que o novo governo está fazendo um esforço sistemático e consistente no sentido de modificar o consenso entre os formadores de opinião norte-americanos de que o Brasil não era um país sério.

Para fazer isso foi preciso, em primeiro lugar, voltar a ser sério. E isto começou a ser obtido, por sua vez, com a articulação de uma política econômica coerente, voltada para a modernização da economia, a redução expressiva dos privilégios de algumas minorias e a vigilância sobre a inflação e suas causas.

Esta fase, que venceu a etapa de introdução, avizinha-se agora do período de consolidação, em que ela precisa mostrar os resultados práticos, que ela pode efetivamente mudar a face do País.

Do antagonismo à cooperação

O outro ponto, da maior importância, era o da harmonia dentro da equipe governamental. E o que se viu, nos momentosos dias desta expedição norte-americana, foi um espírito de equipe notável, como raramente é possível observar na vida pública brasileira.

Neste passo é importante notar que a colaboração entre os mais graduados funcionários governamentais é absolutamente fundamental em negociações como as que estamos empreendendo agora junto a nossos credores. Nunca é demais lembrar que por ocasião da moratória decretada pelo governo brasileiro, há menos de quatro anos, foi o divisionismo interno no Brasil, tanto quanto ou mais que a oposição dos credores, que nos impediu de obter uma renegociação da dívida externa em condições mais favoráveis para o Brasil. É importante notar que mesmo funcionários que

no passado se opuseram à firmeza brasileira, enfraquecendo-nos na prática, hoje trabalham harmoniosamente com a equipe econômica, sob a autoridade incontestada do presidente da República.

É também importante ressaltar que estamos vendo acontecer aquilo que sempre se imaginou fosse possível ocorrer: a legitimação da Presidência da República pelo voto popular deu legitimação às gestões para a solução do problema da dívida externa.

Não é por outra razão que o presidente passa uma outra imagem do Brasil. Não é apenas porque é ele jovem, despachado, inteligente e enérgico. O que ele reflete é uma reconciliação dos brasileiros com a idéia do regime democrático efetivado através da representação popular. É essa vontade soberana do povo que se reflete, aliás como uma luva, na

personalidade política do presidente Fernando Collor.

Ao se resolver esse nó, todos os outros começam a ser desatados, inclusive aquele que ia ficando traumático, o de que nosso país era violador sistemático do meio ambiente na Amazônia, patrimônio ecológico comum da humanidade. Tudo isso, com conversa, compreensão recíproca e atitudes firmes do governo brasileiro, começa a ir ficando para trás.

É igualmente saudável que nossos negociadores resolvam manter os investidores norte-americanos, atuais e potenciais, amplamente informados sobre as reformas em curso, de modo a afastar ansiedades, dúvidas e preconceitos que porventura possam ter esses investidores em relação ao Brasil. Tais disposições de ânimo, ainda que explicáveis por vários anos de atritos, começam a perder a razão de ser quando ambas as nações sinalizam a mudança do pêndulo da relação do antagonismo para a cooperação. E que a nova disposição se aprofunde, deite raízes e frutifique.